
MARGOTTO, Mário Victor M.; MIRANDA, Clara Luiza. Futuro e futurabilidade: Regimes de historicidade, crítica do design, da arquitetura e da cultura — da modernidade à abertura dos possíveis. *Thésis*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 117-130, dez. 2023

data de submissão: 19/06/2023
data de aceite: 09/10/2023

Futuro e futurabilidade: Regimes de historicidade, crítica do design, da arquitetura e da cultura — da modernidade à abertura dos possíveis

Mário Victor M. Margotto e Clara Luiza Miranda

Mário Victor M. MARGOTTO é Mestre em Arquitetura e Urbanismo; Doutorando no PPGAU-UFES; mvmmargotto@gmail.com

Clara Luiza MIRANDA é Doutora em Comunicação e Semiótica; Profa. Associada PPGAU-UFES; claravix50@gmail.com

Resumo

O artigo relaciona dimensões temporais, historicidades, crítica de arquitetura e setores relacionados. Buscamos compreender as modulações de temporalidades coexistentes, que designam posições distintas nas disputas no campo historiográfico, tanto na modernidade como na contemporaneidade. Duas inflexões no regime de historicidade vigente motivaram essa reflexão. A primeira, denominamos *historicista*, com franca contraposição ao ímpeto *futurista* anterior. A segunda inflexão que está em disputa no campo seria: *presentismo* (HARTOG, 2013), *atualismo* (PEREIRA e ARAÚJO, 2019) e/ou *futurabilidade* (BERARDI, 2019). Mostramos a predominância de um presente-futuro ou uma iminência do futuro na Modernidade, que parece persistir, no período contemporâneo, de modo pluriversal, intercultural e pró-comum (DUSSEL, 2005; ESCOBAR, 2016). Observamos uma possível transição do regime de historicidade da Modernidade, derivada de sua evidente crise, aliada à irracionalidade do capitalismo — por meio do *presentismo* e do *atualismo*. Tais processos propiciam a abertura dos possíveis da *futurabilidade*, pois é a formação da cultura moderna capitalista que se expressa por meios *desfuturizantes* (FRY, 2020), sendo um obstáculo ao reconhecimento de cronologias plurais.

Palavras-chave: futuro, futurabilidade, regimes de historicidade, modernidade.

Abstract

This paper relates temporal dimensions, historicities, and architectural criticism, among other related subjects. It seeks to comprehend the modulations of coexisting temporalities, which designate different standpoints within the historiographical field — both in modernity and contemporaneity. This study is motivated by two inflections in the current historicity regime. The first one is the historicist, in contrast to the previous futurist impetus. The second one would be presentism (HARTOG, 2013), updatism (PEREIRA e ARAÚJO, 2019) or/and futurability (BERARDI, 2019). The study shows the predominance of a present-future or an imminence of the future within Modernity, which could persist nowadays in a pluriversal, intercultural and pro-commons way (DUSSEL, 2005; ESCOBAR, 2016). Thus, it points out a possible transition from the historicity regime of Modernity, derived from its evident crisis linked with the irrationality of capitalism — through presentism and updatism. These processes provide the condition for opening the possibilities of futurability, since it is the formation of the modern capitalist culture that is expressed by defuturing means (FRY, 2020), being an obstacle for recognizing plural chronologies.

Keywords: future, futurability, regimes of historicity, modernity.

Resumen

El artículo relaciona dimensiones temporales, historicidades, crítica de la arquitectura y sectores afines. Buscamos comprender las modulaciones de temporalidades coexistentes, que designan diferentes posiciones en disputas en el campo historiográfico, tanto en la modernidad como en la contemporaneidad. Dos inflexiones en el actual régimen de historicidad motivaron esta reflexión. Al primero lo llamamos historicista, en claro contraste con el ímpetu futurista anterior. La segunda inflexión está en disputa en el campo, sería: presentismo (HARTOG, 2013), actualismo (PEREIRA e ARAÚJO, 2019), o/y futurabilidad (BERARDI, 2019). Mostramos el predominio de un presente-futuro o una inminencia del futuro en la Modernidad, que parece persistir en la contemporaneidad de manera pluriversal, intercultural y pro-común (DUSSEL, 2005; ESCOBAR, 2016). Observamos una posible transición del régimen de historicidad de la Modernidad, derivado de su evidente crisis, aliada a la irracionalidad del capitalismo — a través del presentismo y el actualismo. Tales procesos propician la apertura de posibilidades de la futurabilidad, puesto que es la formación de la cultura capitalista moderna que se expresa por medios defuturizantes (FRY, 2020), siendo un obstáculo para el reconocimiento de cronologías plurales.

Palabras-clave: futuro, futurabilidad, regímenes de historicidad, modernidad.

Introdução

Esta reflexão, a qual relaciona dimensões temporais, historicidades, crítica do design, da arquitetura e da cultura, foi motivada por duas inflexões recentes no “regime de historicidade”, que provocaram transformações na estrutura de percepção de mundo, expressas mediante discursos, processos, obras e produtos desses campos. Interessa-nos pensar sobre tais mudanças, indagando acerca das distintas temporalidades ou historicidades possíveis, desde a modernidade ao contemporâneo — ou seja, no transcurso histórico no Ocidente notadamente marcado por um “horizonte de expectativas” (KOSELLECK, 2006), o qual culmina no atual cenário de “lento cancelamento do futuro” (BERARDI, 2019).

Um “regime de historicidade”, conforme Hartog (2013, p.11), é uma maneira de “engrenar passado, presente e futuro”. O autor se inspira no historiador alemão Reinhart Koselleck, o qual abordara as experiências temporais da história, buscando “como, em cada presente, as dimensões temporais do passado e do futuro haviam sido correlacionadas” (KOSELLECK *apud* HARTOG, 2013, p. 28). Nesse quadro, Hartog (2013, p. 13) se interessa por investigar as tensões existentes entre o “campo de experiência” e o “horizonte de expectativas” — categorias propostas por Koselleck (2006) enquanto ferramentas para se compreender determinada temporalidade histórica.

O termo “historicidade” expressa a forma da condição histórica e a relação com o tempo de diferentes sociedades, coletividades e até mesmo indivíduos, enfatizando particularmente os momentos de crise do tempo e suas expressões, visando produzir mais inteligibilidade e dar-lhe sentido (HARTOG, 2013, p. 13). Inclusive, é destacável que a operacionalidade do termo “regime” consista no seu entendimento como “mescla, composto e equilíbrio sempre provisório ou instável” (HARTOG, 2013, p. 11). Confere ao regime de historicidade o potencial de captar a diversidade de historicidades configuradas, desde um “conjunto de experiências estratificadas e difusas” (ARGAN, 1992), podendo também ser empregado em diversas escalas.

Duas inflexões no regime de historicidade vigente motivaram essa reflexão. Uma das inflexões, notada no período contemporâneo e foco principal dessa abordagem, é designada pelo *presentismo* (HARTOG, 2013), pelo *atualismo* (PEREIRA e ARAÚJO, 2019) e/ou pela *futurabilidade* (BERARDI, 2019). Estes conceitos são tratados, ainda, como hipóteses de modulação da temporalidade em disputa. Contudo, a inflexão que a precede, a qual denominamos *historicista*, é justamente a que desperta o interesse nas mudanças das engrenagens entre passado, presente e futuro, pois interrompe o ímpeto *futurista* anterior. Quer dizer, a recorrência de posturas historicistas interrompe o ímpeto em direção ao futuro dos movimentos modernos, já no fim do luto com o declínio das vanguardas modernas do século XX. Tal historicismo se plasma com a emergência de uma nostalgia da história que, nos anos 1980, desabrocha numa grande onda da memória (HUYSSSEN, 2000), sendo o patrimônio, segundo Hartog (2013, p.24) “seu *alter ego*, mais visível e tangível”, a ser “protegido, repertoriado, valorizado, mas também repensado”.

Nesse contexto historicista, o *desconstrutivismo* posiciona-se de modo distinto em relação ao passado, pois “a desconstrução não se ocupa do novo, mas do familiar, do velho”. Trata-se de localizar “as divisões, rupturas e quebras dentro do sistema, os elementos instáveis que organizam a estrutura a partir de dentro”, como recurso discursivo ou projetual (WIGLEY, 1996, p. 196). De certo modo, o desconstrutivismo, como um reverso do historicismo do final do século XX, acerca-se da noção de “estranhamente familiar” [o *unheimlich* de Freud] (VIDLER, 2006).

Pode-se dizer que tanto o historicismo quanto o desconstrutivismo geraram filiações e posicionamentos nos debates sobre sua relação com o passado ime-

diato (a Modernidade, o Modernismo e a Arquitetura). O período operativo destas tendências converge com mudanças significativas na forma de acumulação do capitalismo, com a crescente hegemonia do capital financeiro, o declínio do Estado do Bem-Estar Social e os avanços das redes tecnológicas de informação. Tais eventos geraram expressões culturais em torno do questionamento sobre o "horizonte de expectativas": "algo que era óbvio nos séculos XIX e XX, ou seja, que futuro e progresso são equivalentes" (BERARDI, 2019, p. 18), seguido por um diagnóstico de futuro catastrófico.

Buscamos compreender a engrenagem entre passado, presente e futuro, na análise desses discursos e conceitos, tomando-os como termos da definição de regime de historicidade. Interessa-nos, ainda, pensar as concepções de futuro no âmbito das expectativas catastróficas e escatológicas evidenciadas no contexto de uma crise sanitária e climática, de um controle do futuro pela ideologia neoliberal e da constatação de um "presente hegemônico". Incorporamos à discussão enunciados que atuam como engrenagens presente-futuro, como a "desfuturização" do moderno (FRY, 2020), o "presentismo" (HARTOG, 2013) e o "atualismo" (PEREIRA e ARAÚJO, 2019).

Berardi (2019, p.17-18) assinala que constituímos o futuro como uma "modalidade de percepção e de imaginação, de espera e de avanço", que "se forma e se transforma no curso da história". Num contexto crítico delineado ao futuro, notadamente, abordaremos alternativas como a "futurabilidade" proposta por Franco Berardi (2019), ou seja, "a intrínseca pluralidade de futuros possíveis inscritos no presente", enquanto abertura para a coexistência de cronologias plurais. Consideramos tal pluralidade mediante contra-enunciados ao hegemônico programa único da "humanidade".

Futurismo: engrenagem temporal da modernidade e a desfuturização

Podemos compreender a Modernidade, dentre as inúmeras leituras possíveis, como uma "condição de vida imposta a indivíduos por meio do processo socioeconômico da modernização", sendo que essa "experiência da Modernidade envolve a ruptura com a tradição e possui um impacto profundo nos modos de vida e hábitos cotidianos". Esse impacto reverbera no "modernismo", ou seja, "[n]o corpo de ideias, intelectuais e movimentos artísticos que lidam com o processo de modernização e com a experiência da Modernidade"

(HEYNEN, 1999, p.10, tradução nossa). A Modernidade é geralmente associada a uma visão que é típica do Ocidente sobre o tempo — este, apreendido enquanto “linear, irreversível e progressivo”.

De fato, a compreensão da Modernidade foi realizada no registro da temporalidade. Conforme Habermas (2000), observamos que a Modernidade é conotada como “uma época”, frequentemente um *Zeitgeist*¹. Nessa concepção, verificamos uma evidência do presente atravessando o *continuum* da história, como transição para o futuro — um “presente-futuro” — que advém como uma “aurora”, uma revelação de um período de realização, de liberdade, de progresso da consciência e de promessas. Habermas (2000, p. 10) constata que Hegel compreende a

[...] simultaneidade cronológica de desenvolvimentos historicamente não simultâneos. Constitui-se então a representação da história como um processo homogêneo, [...]. O espírito do tempo (*Zeitgeist*), [...], caracteriza o presente como uma transição que se consome na consciência da aceleração e na expectativa da heterogeneidade do futuro.

Koselleck nomeia esse processo de temporalização da Modernidade como “aceleração do tempo”, ocasionada pela secularização da cultura moderna, ao se afastar das teleologias cristãs, e, conseqüentemente, ao situar a “redenção” do homem no futuro dos progressos humanos, distanciando cada vez mais o passado e impulsionando a projeção de futuros [as utopias modernas] (RODRIGUES, 2021, p.21). Rodrigues (2021, p.21), comentando a obra do historiador alemão, explica que a “sedimentação dessa visão progressiva” encontra-se fortemente atrelada ao desenvolvimento tecnológico, ao predomínio da ciência e à industrialização — aos progressos humanos acompanhados e potencializados pelo domínio da natureza.

Tanto a arquitetura quanto o design modernos alinharam-se a essa nova realidade, acercando-se e promovendo o desenvolvimento tecnológico industrial. Podemos dizer, portanto, que, no movimento moderno, há momentos em que o futuro comanda, ou seja, em que a tensão entre as temporalidades pende fortemente para o “horizonte de expectativas” — por exemplo, no Futurismo italiano e na difusão dos lemas do projeto moderno, como: emancipação, inovação, progresso e desenvolvimento. Dentre os objetivos das vanguardas modernas, estava responder as profundas transformações da sociedade urbana e a expansão das cidades, no início do século XX, bem como no período de guerras, por meio da produção de espaços

¹ Por exemplo, o livro de Sigfried Giedion, *Espaço, Tempo e Arquitetura, o desenvolvimento de uma nova tradição* (1941), apresenta-se enquanto uma narrativa legitimadora do movimento moderno e reitera que os esforços devem ser dirigidos “para a questão do desenvolvimento de uma nova tradição” (GIEDION, 2014, p. 4). O intuito de forjar “uma nova tradição” incide na designação de um sentido único (linear, estável). O quadro de referência conceitual de Giedion é justamente fundado na tradição hegeliana, tomando o conceito de *Zeitgeist* como um princípio cultural unificador (HEYNEN, 1999).

e de objetos no intuito de elaborar novas bases para uma cultura urbana “desenraizada” (HEYNEN, 1999).

Entretanto, percebe-se que, no decorrer do século XX, as vanguardas artísticas sucumbem com o avanço da industrialização e da urbanização. Argan (1993) conjectura que a tecnologia, nesse período, compete com a imaginação — esta, tornada atividade receptora —, prescindindo de projetos e de utopias. Ao mesmo tempo, a humanidade começa a duvidar que futuro e progresso sejam equivalentes, após se confrontar, por meio das crises econômicas e ambientais, com a finitude dos recursos e com a falibilidade da tecnologia. Berardi (2019) estabelece como ponto de inflexão o ano de 1977, expresso no slogan *No Future* do movimento punk britânico.

Fry (2020), por sua vez, problematiza sobre os “efeitos desfuturizantes” do design moderno. “Desfuturização” (*defuturing*), conceito cunhado pelo autor, desde uma perspectiva ontológica do design², poderia ser definido, em termos gerais, enquanto “o próprio terreno pelo qual o futuro é negado”. Esse aspecto é interpretado por Escobar (2016, p. 40) como as “condições sistêmicas de insustentabilidade estrutural, que elimina outros futuros possíveis”. Contudo, Fry (2020) considera que a atividade do design possui essa capacidade de “futurar” ou “desfuturar”, quer dizer, que os objetos e o conjunto de técnicas os quais conformam a cultura nos “enquadram”³ em modos de ser e de habitar o mundo, sendo estes os fatores que condicionam um certo tipo de sustentabilidade (*sustainability*), ou, simplesmente, da habilidade de sustentar o pleno desenvolvimento das diversas naturezas-culturas possíveis. Daí, a sua crítica ao design moderno e seu caráter instrumental-unívoco, pelo qual criou-se ao longo da história uma

[...] cultura funcional em nível mundial — uma cultura na qual as pessoas ao redor do mundo podem realizar as mesmas tarefas, da mesma maneira e pelas mesmas razões econômicas, [...] esta “cultura mundial” opera sem qualquer habilidade dos indivíduos para entender outras visões de mundo, para comunicar ou compartilhar valores. O anti-humanismo do instrumentalismo do funcionalismo tecnológico na verdade agiu para ocultar a diferença pelo caráter ontológico das coisas que faz (FRY, 2020, p. 29, tradução nossa).

Recorrendo a Escobar (2016, p. 11-17, tradução nossa), no cenário de instabilidade atual, podemos assimilar essa proposição como a crise de um modelo civilizatório: o da modernidade capitalista ocidental. E, Escobar argumenta, os modos de desenhar ou projetar da nossa cultura (*design*) apresentam-se como

² Para Escobar (2016, p. 47-58), “el diseño es ontológico porque cada objeto, herramienta, servicio o incluso relato en el que está involucrado crea formas particulares de ser, conocer y hacer” [...], “el diseño genera las estructuras de la posibilidad humana”. Sobre esse ponto, Fry (2020, p. 5) argumenta: “designers design in a designed world, which arrives by design, that designs their actions and objects, or more simply: we design our world, while our world designs us”.

³ O termo “enquadramento” (*enframed*) utilizado por Fry (2020) remete ao conceito de composição, esquema ou estrutura (*Gestell*) trabalhado por Heidegger a respeito da questão da técnica moderna.

componentes indissociáveis dessa crise. Nesse sentido, poderíamos afirmar, de um ponto de vista ontológico, “que as políticas públicas e o planejamento do desenvolvimento, bem como [o] design, são tecnologias políticas fundamentais da Modernidade e elementos-chave na constituição moderna de um mundo único globalizado”, pois encerram o futuro no interior de um modelo ou projeto de cultura hegemônico. Flusser (2007, p. 194) adverte: quando o design estorva, na medida em que torna a cultura mais “objetiva, objetal e problemática”, mais complexa, logo encolhe o espaço da liberdade na cultura.

Dessa maneira, a Modernidade exprime-se por meio dos vetores de mundialização que são processados por meio do design moderno. Este, conforme Fry (2020), produz efeitos de “desfuturização” ao eliminar outros futuros possíveis por meio da *standartização* cultural. Segundo Berardi (2019, p.152), o poder é o que realiza a “seleção de um futuro inscrito na estrutura do presente; [...] é a seleção e a imposição de uma possibilidade entre muitas”. Assim, os efeitos da “desfuturização” do design moderno podem ser vistos como resultado de um processo de seleção por meio da (mono)cultura moderna, operando, segundo Lapoujade (2015, p.269), “em função do que a axiomática capitalística permite, prevê, favorece, torna possível para uma dada classe de indivíduos”, uma seleção em que “a axiomática opera no seio de uma massa qualquer para distribuir eletivamente, hierarquicamente, suas potências e direitos”.

Presentismo e Atualismo: hipóteses sobre a temporalidade contemporânea

No atual quadro de coisas, adentramos um estágio de fastio e de estorvo, em que o futuro já não é mais tomado como promessa ou fim redentor pelo qual a emancipação e os progressos humanos seriam realizados, mas enquanto um quadro de expectativas nebulosas, se não perturbadoras, oposto ao *futurismo* gestado pela Modernidade. Observam-se os desdobramentos dos seus efeitos desfuturizantes de forma aguda, alterando profundamente a nossa percepção sobre o futuro e o tempo de uma maneira geral. Em consequência dos processos mundializados de aceleração e de disjunção, vivencia-se hoje, como “único horizonte”, a experiência ubíqua de um presente “imposto”. Uma vez que estamos imersos em uma cultura constituída por uma miríade de aparelhos técnicos e por fluxos contínuos e incessantes de informações, a

nossa própria percepção ou relação com aquilo que entendemos por passado, presente e futuro, parece se alterar.

Experiencia-se um quadro de enclausuramento, uma experiência fechada e global, saturando a imaginação sobre o horizonte de possibilidades do porvir e rebaixando a imaginação sobre qualquer forma de alteridade radical — que fuja ao nosso sistema ou modo de produção. Na realidade, se há algum horizonte, este seria um porvir do capitalismo, conforme Lapoujade (2013, p. 237): “[é] que as mutações tecnológicas nunca fazem senão reforçar um único e mesmo sistema, o do capitalismo, sempre mais triunfante. O futuro está inteiramente encerrado no interior dos limites do capitalismo, que captura todas as suas possibilidades para estender-se, propagar-se”.

Diante do “presentismo” (HARTOG, 2013), ou do “atualismo” (PEREIRA e ARAÚJO, 2019), e da hipótese de suspensão ou “lento cancelamento do futuro” (BERARDI, 2019), as expectativas que se apresentam são catastróficas, havendo uma espécie de inversão da escatologia moderna do progresso humano. “[O] futuro já não é mais percebido (tal qual no século passado) como fonte de esperança, como promessa de expansão e de crescimento” (BERARDI, 2019, p. 5). Esse é o cenário pelo qual surgem duas hipóteses acerca da experiência temporal ou da temporalidade corrente: o “presentismo” (HARTOG, 2013) e o “atualismo” (PEREIRA e ARAÚJO, 2019). Na hipótese presentista de François Hartog (2013), “o tempo urge e o presente manda”, um presente onipresente e hegemônico, e, nesse sentido, “[m]ais uma vez, uma experiência de tempo desorientado”. Segundo o autor,

Longe de ser uniforme e unívoco, este presente presentista é vivenciado de forma muito diferente conforme o lugar ocupado na sociedade. De um lado, um tempo dos fluxos, da aceleração e uma mobilidade valorizada e valorizante; do outro, aquilo que Robert Castel chamou de *précaríat*, isto é, a permanência do transitório (HARTOG, 2013, p. 14).

Para exemplificar materialmente a condição presentista, Hartog (2013) recorre aos conceitos de Rem Koolhaas de “Junkspace” e de “Cidade Genérica”, pois: a cidade genérica não tem história e o *junkspace* obsoleta sem envelhecer. Diz o historiador: “aquele que quiser fazer uma experiência presentista basta abrir os olhos, percorrendo estas grandes cidades no mundo [...]. Nelas, o presentismo é rei, corroendo o espaço e reduzindo o tempo, ou o expulsando”. Tais procedimentos impedem a formação da lembrança, pois

“sua recusa em se cristalizar lhe garante uma amnésia instantânea”. Entretanto, ele se pergunta: “pode-se viver em uma cidade presentista?” (HARTOG, 2013, p. 15-16), ou seja, em um lugar em que há a estranha combinação de um espaço sem memória, amnésico, e de um tempo cada vez mais efêmero e fugaz?

Por sua vez, Pereira e Araújo (2019) propõem o conceito de “atualismo” (*updatism*), para se diferenciar da hipótese do presentismo de Hartog, enquanto uma produção incessante de dados e informações, além da atual economia midiática que protela o amanhã (PEREIRA, 2022, p. 92). Entre outras coisas, Pereira e Araújo (*apud* Pereira, 2022, p.82) afirmam que, assim como acontece com as “atualizações automáticas que emergem nos smartphones”, por exemplo,

[...] essa forma de presente como atualidade não está destituída de futuro ou passado, mas estabelece com eles relações ‘impróprias’. [...] Essa atualidade se vê em toda a história, seja do presente, seja do futuro, mas é uma identificação como uma variedade do mesmo, que se atualiza em função da atualidade.

Nesse âmbito, apresenta-se a obsolescência, como o outro lado do que os autores colocam como atualismo: de software, de hardware; e a necessidade de possuir os produtos da última geração, de estar com o antivírus em dia, mas também de estar atualizado de maneira integral, caso contrário estaríamos habitando uma espécie de lugar anacrônico, inseguro, obsoleto, desatualizado e, também, precarizado: “Atualizar opõe-se não apenas ao inatual, mas ao desatualizado como obsoleto”. Nota-se que a obsolescência programada está profundamente enraizada na cultura capitalista, mas também a obsolescência em geral, que passa a permear todos os âmbitos da vida.

Para Pereira (2022), a condição temporal presentista não caracteriza um novo regime de historicidade, mas de “um falso reconhecimento que oculta o que está realmente se repetindo”. Dessa forma, a experiência que eles definem como atualista “produz a ilusão de que a realidade se reproduz automaticamente, sem ação e atenção à vida” — e, portanto, ao tempo. Como coloca Hartog (2013, p.26), nossa dificuldade frente à inteligibilidade do tempo deve-se ao fato de que não o pensamos, ou não “pensamos nele”, além de naturalização e da instrumentalização do tempo pelo hábito.

Pereira e Araújo dizem que seu objetivo é proporcionar a concepção de “possibilidades de quebra da atual desatenção à vida” (*apud* PEREIRA, 2022, p. 101), pois, por exemplo, “estar on-line significa poder dis-

por do outro a qualquer momento, mas também estar cada vez mais à disposição dos outros” (PEREIRA e ARAÚJO, 2019, p.44) — ou seja, por meio de um comportamento dis-positivo, de estar à dis-posição em uma com-posição (*Gestell*), para falar como Heidegger. Quer dizer, como lembra Fry (2020), que a tecnologia nos coloca à disposição e condiciona nosso modo de habitar os espaços e lugares — também o tempo, tornado cada vez mais acelerado.

De forma geral, as tecnologias são socialmente estruturadas, territorializadas e indissociáveis da forma como a sociedade produz, reproduz a vida e cria espaço, configurando um dado incontornável do mundo contemporâneo. Ambos, “presentismo” e “atualismo”, interpelam o corrente cenário em que as redes tecnológicas de comunicação e o design modulam o campo dos possíveis, seja por meio de um alargamento do presente (*presentismo*), em uma espécie de pronlongamento da *standardização* moderna atrelada à acumulação de capital, seja pela protelação do amanhã (*atualismo*) por meio do par atualização-obsolescência perceptível na ideologia neoliberal. De fato, o crescimento incremental e exponencial da tecnologia efetua uma colonização planetária, avançando sobre a natureza de tal modo que é um dos fatores da crise sanitária e climática que presenciamos no Século XXI, agudizada com a Pandemia de Covid-19.

Futurabilidade: dos possíveis e da coexistência de cronologias plurais

Nesse cenário de catástrofe e de colapso, aparecem como contraponto algumas “ideias para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019) ou, pelo menos, para dispor de um outro fim de mundo possível. Berardi (2019, p.152) enuncia: “[o] período neoliberal inverteu a percepção do progresso do futuro que tinha predominado na idade moderna. Mas, na realidade, futuro é uma palavra que se refere a algo que não existe”. Nesse sentido, o autor propõe que pensemos em termos de “futurabilidade”, quer dizer, sobre a própria “multidimensionalidade do futuro”; ou, em outros termos, sobre “a intrínseca pluralidade de futuros possíveis inscritos no presente”. Nessa linha, para o autor, o slogan punk *No Future*, de 1977, poderia ser reelaborado segundo uma outra sensibilidade: *Not One Future, But Many*, ou seja, “não um futuro, mas muitos futuros possíveis”.

Haveria um deslocamento semântico de “inscrição”, como ação de prescrição ou programa pré-inscrito ao qual seríamos obrigados a nos submeter, ou como

prevenção, imaginação antecipatória, espera ou premonição, para aquilo que, no momento, não vemos, mas é conteúdo latente no presente. Em suma, um exercício hermenêutico, como expõe o autor, de interpretar as possibilidades inscritas no presente, enquanto conteúdo imanente na constituição do nosso próprio espaço-tempo, resultando em possibilidades plurais, em um “campo de bifurcações” ou um “rizoma de possibilidades”:

Chamamos possibilidade um conteúdo inscrito na constituição do mundo presente, imanência do possível. Possibilidade nunca é apenas uma, é sempre plural, as possibilidades inscritas na constituição presente do mundo não são infinitas, mas são muitas. O campo de possibilidades não é infinito porque o possível é limitado pelas necessidades e impossibilidades inscritas no presente (BERARDI, 2019, p.152-153).

Donna Haraway (2019), ao sugerir que continuemos a “seguir com o problema”, traz uma sensibilidade semelhante frente aos tempos turbulentos, confusos e problemáticos atuais. “Em tempos de urgência”, coloca Haraway (2019, p.20-21, tradução nossa), “é tentador tratar o problema imaginando a construção de um futuro seguro, impedindo que ocorra algo iminente no horizonte, colocando em ordem o presente e passado pelo bem das próximas gerações”. “Seguir com o problema”, como propõe a autora, por sua vez, não requer tal postura perante o porvir. Por meio de um jogo especulativo, convida-nos a seguir e rastrear as linhas e caminhos de “práticas e acontecimentos densos e coagulados”, a fim de “encontrar seus emaranhados cruciais para continuar com o problema em tempos e lugares reais e particulares”. Quer dizer:

[...] estar verdadeiramente presentes, não como um eixo que desaparece entre passados horríveis ou edênicos [nostalgia] e futuros apocalípticos ou de salvação [futurismo], mas como bichos mortais entrelaçados em miríades de configurações inacabadas de lugares, tempos, materiais, significados (HARAWAY, 2019, p.20).

Nessa linha, compreende-se que este reenquadramento de programas translada a temporalidade ubíqua e unívoca da Modernidade para a ancoragem do espaço-tempo em uma possibilidade pluriversal (ESCOBAR, 2016), constituída de múltiplas trajetórias e pluralidade de estórias (MASSEY, 2008), podendo-se desdobrar no (re)agenciamento e (re)distribuição das potências e multiplicidades. Tal proposição direciona para um tensionamento e abandono do programa único da “humanidade”, instaurado com a Modernidade, conduzindo-nos, portanto, a agenciar de maneira ética



e política a “potência” dos possíveis (BERARDI, 2019), a pluralidade de possibilidades inscritas no presente, frente à seleção hegemônica do “poder” da axiomática capitalista.

Dussel (2005, p. 31) preconiza o contingente de mundos “sacrificados” pelo empreendimento colonial moderno enquanto a “outra-face” oculta e essencial da Modernidade, ou seja, a alteridade negada pelo grande projeto de conquista e expansão do capitalismo moderno ocidental: “o mundo periférico colonial, o índio sacrificado, o negro escravizado, a mulher oprimida, a criança e a cultura popular alienadas etc. (as ‘vítimas da Modernidade’)”. Logo, revela-se a possibilidade de uma “trans-modernidade”, enquanto um “projeto mundial de libertação em que a Alteridade, que era coessencial à Modernidade, igualmente se realize”, quer dizer, “na qual a Modernidade e sua Alteridade negada (as vítimas) se co-realizariam por mútua fecundidade criadora”.

Dessa forma, poderia-se vislumbrar uma abertura dos possíveis, da coexistência de cronologias plurais, ao sobrevirem outros modos de conhecer e de se fazer mundo. Escobar (2016) nos convida a imaginar, por meio do design, uma transição deste mundo circunscrito pela modernidade capitalista ocidental para um mundo pluriversal, quer dizer, por meio de um design atento para possibilidades outras que engendrem linhas de fuga e contra-enunciados às estratificações da modernidade capitalista, à hegemonia do mercado global e à ideologia neoliberal. Segundo Lapoujade (2015, p.270), de (re)descobrir “novas forças do tempo” ao evocar sua própria potência de direito na criação de novos espaços-tempos, “que abrem o tempo a novos possíveis em função da redistribuição das potências dos corpos individuais e coletivos”.

Considerações finais

No campo da arquitetura e urbanismo, reiteramos a crítica de que as políticas públicas e o planejamento do desenvolvimento e o design são “elementos-chave na constituição moderna de um mundo único globalizado” (ESCOBAR, 2016), de modo que as mutações tecnológicas reforçam um sistema hegemônico e genérico do capitalismo triunfante, que encerra inteiramente o futuro, conforme salienta Lapoujade (2013), capturando as suas possibilidades de abertura dos possíveis. Dessa maneira, “o futuro não precisa mais de nós” (BERARDI, 2019) — ou, da mesma forma, não precisamos mais de um futuro codificado e abstrato, como propõe Haraway (2019). No mesmo sen-

tido, está o paradoxo da desfuturização proposto por Fry (2020), para quem o mesmo design que contribuiu para constituir a crise socioambiental e climática, pode vir a oferecer recursos para a sua possível resolução, embora, ainda, faltem-nos as categorias críticas e interpretativas necessárias para compreendê-lo [o paradoxo] e para converter nossas ações em significativas.

Na tentativa de escapar da nebulosidade e do imobilismo contemporâneos, da qual o presentismo e o atualismo oferecem a programação, que satura e bloqueia a imaginação sobre o “horizonte de expectativas”, poderíamos elencar como meios rumo a uma outra sensibilidade: atenção ao presente, desprogramação do futuro e reflexão em termos de futurabilidade e de pluriversalidade. Quer dizer, atenção à indeterminação, à imprevisibilidade e à entropia do nosso tempo, bem como à pluralidade de possibilidades de agenciamento, abarcando a heterogeneidade de espaços-tempos que habitam — ou podem vir a habitar — o mundo. Um mundo transmoderno (DUSSEL, 2005) de diversos projetos ético-políticos que viabilizem o diálogo e a comunicação verdadeiramente horizontais entre os povos e coletividades.

Agradecimentos

À Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro destinado ao desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

- ARGAN, G. C. *História da Arte como História da Cidade*. São Paulo. Martins Fontes, 1992.
- ARGAN, G. C. A História na Metodologia do Projeto. *Revista Caramelo*, São Paulo, n. 6, 1993. pp. 156-170.
- BERARDI, F. *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu, 2019.
- DUSSEL, E. Europa, modernidade e Eurocentrismo. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. pp. 25-34.
- ESCOBAR, A. *Autonomía y diseño: la realización de lo comunal*. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.
- FLUSSER, V. *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FRY, T. *Defuturing: a new design philosophy*. London: Bloomsbury, 2020.

GIEDION, S. *Espaço, Tempo e Arquitetura, o desenvolvimento de uma nova tradição*. São Paulo, Martins Fontes: 2014.

HABERMAS, J. *O discurso filosófico da Modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARAWAY, D. *Seguir con el problema: generar parentesco en el Chthuluceno*. Traducción de Helen Torres. Bilbao: Consonni, 2019.

HARTOG, F. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

HEYDEN, H. *Architecture and modernity: a critique*. Cambridge: MIT Press, 1999.

HUYSSSEN, A. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KOSELLECK, R. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAPOUJADE, D. Desprogramar o futuro. In: NOVAES, A. (Org.). *O futuro não é mais o que era*. São Paulo: Edições SESC, 2013. pp. 233-246.

LAPOUJADE, D. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

MASSEY, D. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PEREIRA, M. H. F. *Lembrança do presente*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2022.

PEREIRA, M. H. F.; ARAÚJO, V. L. de. Reconfigurações do tempo histórico: presentismo, atualismo e solidão na Modernidade digital. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1 e 2, jan./dez. 2016. pp. 270-297.

PEREIRA, M. H. F.; ARAÚJO, V. L. de. *Atualismo 1.0: como a ideia de atualização mudou o século XXI*. 2. ed. Vitória: Editora Milfontes/Mariana: Editora da SBTHH, 2019.

RODRIGUES, T. de O. Apresentação — Reinhart Koselleck: uma latente filosofia do tempo. In: KOSELLECK, Reinhart. *Uma latente filosofia do tempo*. Organização de Thamara de Oliveira Rodrigues. São Paulo: Editora Unesp, 2021. pp. 8-48.

VIDLER, A. Uma teoria sobre o estranhamente familiar. In: NESBITT, K. (Org.). *Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica 1965-1995*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. pp. 617-622.

WIGLEY, M. A desconstrução do espaço. In: SCHNITMAN, D. F. (Org.). *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. pp. 152-166.